

Narrativas lésbicas: o jornalismo literário como instrumento de registro da existência de mulheres que se relacionam com mulheres¹

Giovana Andrade de ALMEIDA²
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

O presente artigo apresenta o processo de produção do livro-reportagem “Geografia Lesbiana: a experiência de ser sapatão em Goiânia”, projeto de pesquisa experimental para conclusão do curso de Jornalismo. Por meio de entrevistas em profundidade e do jornalismo literário, o estudo busca explorar os aspectos da ocupação urbana por corpos dissidentes. A produção consiste na construção de uma narrativa contada a partir das histórias de nove mulheres que se relacionam com mulheres, e que vivem ou viveram a maior parte da vida na capital goiana. O objetivo foi registrar e compreender as relações entre os campos da sexualidade enquanto subjetividade, do espaço urbano na perspectiva da lesbianidade, e dos lugares abstratos oriundos dessa relação.

PALAVRAS-CHAVE: lesbianidade; lugares LGBT; Goiânia; jornalismo literário; livro-reportagem.

INTRODUÇÃO

A palavra “lésbica”, além de ser um termo altamente estigmatizado, demorou séculos para ser cunhada como definição de mulheres que se relacionam com mulheres, de forma que esse grupo ficou, por muito tempo, invisível. Conforme explicita Gomide (2007), ao contrário da sodomia masculina, prática classificada como um abominável pecado, o sexo entre mulheres foi historicamente ignorado, na maior parte das vezes tratado como algo irrelevante justamente por não envolver um pênis, de forma que não era sequer nomeado.

A ausência de nomenclatura fez com que a decisão por uma identidade lésbica demorasse a ser uma possibilidade, apesar de as práticas e associações afetivas lésbicas serem tão antigas quanto é possível rastrear historicamente (GOMIDE, 2007). A consequência disso é que a lesbianidade, ainda hoje, é muito invisibilizada e questionada, como se a ideia de recusar a figura masculina fosse algo impensável.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Identidades de gênero, sexualidades e raças, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024.

² Graduada do Curso de Jornalismo da FIC-UFG, e-mail: andrade.a.giovana@gmail.com

Como uma das consequências desse apagamento, nota-se que, ainda hoje, as pautas de interesse direto de mulheres lésbicas são pouco vistas na mídia tradicional. Levando a perspectiva para o jornalismo, Lahni questiona: “quando as lésbicas estão no noticiário, como fonte, pauta, entrevistada, entrevistadora?” (LAHNI, 2021, p. 389). O que observamos é que, na maioria esmagadora das vezes, essas mulheres são ouvidas apenas para falar das tragédias que as afligem.

REFERENCIAL TEÓRICO

Partindo da perspectiva da mídia como espaço público, passível de ser acessado e ocupado por figuras diversas, entendemos que grupos hegemônicos e minorias sociais não ocupam o mesmo patamar. Configurando uma espécie de monopólio midiático, nota-se no jornalismo não apenas uma escassez de diversidade de perspectivas e vozes, mas também a reprodução de discursos que mantêm a ordem social vigente. Esse entendimento vai ao encontro da reflexão proposta por Signates e Moraes (2019), que refletem sobre os conceitos de cidadania e subcidadania, comunicabilidade e incomunicabilidade, silenciamento e invisibilidade social.

Nesse sentido, como destacam Auad e Lahni (2013, p. 124), “os meios de comunicação têm responsabilidade e grande influência no que podem causar na vida das pessoas, o que elas podem vir a ser, como são e como devem ser tratadas”. Ou seja, o acesso democrático aos meios de comunicação é principal forma das minorias de viabilizar e dar visibilidade a uma imagem sua diferente daquela sustentada pela maioria (BARBALHO, 2005), na mesma medida em que a negação da comunicabilidade é a negação da própria cidadania (SIGNATES; MORAES, 2019).

Nesse contexto, o jornalismo literário se apresenta como um dos caminhos que possibilitam explorar e entender formas de fazer jornalismo que vão além do modelo consolidado, da imprensa tradicional, na tentativa de garantir o acesso à comunicabilidade e, conseqüentemente, à cidadania. Para além de fugir das fórmulas e da rigidez das estruturas industriais de pirâmide invertida, e utilizar procedimentos da literatura para suas narrativas o jornalismo literário tem compromisso com o exercício pleno da cidadania (PENA, 2007).

Nesse contexto, para Lima (2009), o fruto primordial do casamento entre jornalismo e literatura é o livro-reportagem. Nessa relação, jornalismo literário figura não

como um gênero jornalístico, mas sim como um recurso, “um conceito que pode ser instrumento de gêneros como o jornalismo televisivo ou impresso” (SILVA, 2023, p. 8). Ou seja, um exemplo palpável do jornalismo literário, nesse caso impresso, é o livro-reportagem, um produto cuja entrega da informação ao público se dá de forma mais perene, imersiva, humanizada e poética (SILVA, 2023).

Quanto ao processo de apuração que antecede a escrita do livro-reportagem, e que é inerente a todo e qualquer produto jornalístico, as entrevistas e fontes também ganham características específicas no jornalismo literário. Conforme aponta Pena (2007), os chamados “entrevistados de plantão”, as fontes oficiais, personagens legitimados no círculo vicioso do jornalismo diário, aqui são deixados de lado. “É preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados” (PENA, 2007, p. 50).

No âmbito da produção dessas matérias, portanto, é indispensável a realização de entrevistas em profundidade, no formato aberto, que se caracteriza por sua flexibilidade e seu caráter exploratório, mostrando-se, portanto, favorável aos objetivos do texto jornalístico-literário. Nesse modelo, as perguntas são realizadas sem uma sequência predeterminada, e as respostas não seguem nenhum parâmetro (DUARTE, 2005).

Nesse sentido, a entrevista pode ser aplicada como uma simples e eficaz técnica para obter as respostas desejadas, a partir de perguntas pré-pautadas em um questionário estanque, mas, nessa utilização, “não será um braço da comunicação humana” (MEDINA, 2011, p. 7). Dessa forma, é indispensável especialmente ao jornalismo literário, na medida em que pretende produzir narrativas humanas e emotivas, ultrapassar o conceito de entrevista como técnica, praticando o diálogo durante todo o processo.

Foi a partir desses princípios que o livro-reportagem “Geografia lesbiana: A experiência de ser sapatão em Goiânia” foi produzido. Para além de usufruir de recursos da literatura e valorizar personagens, a produção buscou transmitir a essência humana, nesse caso, de mulheres lésbicas, promovendo uma possibilidade comunicacional em geral negada a um grupo que é marginalizado e, conseqüentemente, sua cidadania.

PRINCIPAIS RESULTADOS

O projeto experimental “Geografia lesbiana: A experiência de ser sapatão em Goiânia” foi elaborado a partir de uma vontade pessoal de trabalhar com um tema

relacionado à lesbianidade. A produção do livro teve como objetivo registrar vivências, experiências e opiniões de mulheres lésbicas goianas, tanto sobre aspectos relacionados especificamente à sexualidade, quanto sobre a relação entre essa identidade e a capital goiana, ou seja, os espaços ocupados ou não pelos corpos lésbicos em Goiânia, e as percepções dessas mulheres sobre o tema.

Dessa forma, por meio de entrevistas com nove mulheres que se relacionam com mulheres, e que viveram a maior parte da vida em Goiânia, o livro-reportagem, focado no registro e compreensão de como se dá a ocupação da capital goiana por corpos lésbicos, buscou mapear os lugares frequentados por mulheres lésbicas de diversas idades, raças, poderes aquisitivos, classes sociais, com diferentes experiências, vivências e preferências.

Para explorar o tema, as entrevistadas foram escolhidas segundo critérios de idade, raça e classe social, a fim de garantir uma visão plural das experiências registradas nesse campo. Nesse sentido, a variedade de faixa etária das entrevistadas permitiu traçar ainda um comparativo tanto entre diferentes épocas, no que se refere à cidade de Goiânia, quanto entre diferentes gerações, no que diz respeito à experiência e à relação com a própria lesbianidade.

Com o total de 110 páginas, o livro é composto por dedicatória, epígrafe, sumário, prólogo, capítulo 1: “Explorando o território da lesbianidade”, capítulo 2: “Ocupando os espaços urbanos”, capítulo 3: “Criando lugares de afeto”, epílogo e agradecimentos. No decorrer dos três capítulos, os relatos foram inseridos de forma a construir uma única história, assim, as entrevistas são costuradas, entrelaçadas a partir dos assuntos abordados em cada uma das conversas. Para isso, foi utilizada a construção cena a cena, elemento básico do Novo Jornalismo (WOLFE, 2005).

Além de conferir fidelidade e dinamicidade ao texto (MENDES; QUEIROZ, 2017), esse mecanismo, somado ao registro do diálogo completo, outra ferramenta do jornalismo literário (WOLFE, 2005), possibilita a construção de uma narrativa ampla e literária, e permite que sejam trazidos à tona os sentimentos e emoções do entrevistado.

Nas entrevistas, utilizou-se o método de perguntas semiestruturada, que durante a conversa poderia se tornar não-estruturada, dependendo de informações adicionais que a autora ou a entrevistada achavam relevante abordar. Isso possibilitou um diálogo aberto, em conversas descontraídas, na medida em que as entrevistas não tinham como objetivo

serem formais. A ideia foi criar uma atmosfera amigável para as entrevistadas, garantindo que elas se sentissem confortáveis e seguras em compartilhar suas histórias, suas percepções e opiniões.

Ainda a respeito das entrevistadas, transformadas em personagens, na tentativa de explorar a diversidade existente entre mulheres que se relacionam com mulheres, a produção e a escrita do trabalho buscam contribuir com a difusão da realidade e das perspectivas compartilhadas pelas mesmas. Além disso, o papel do jornalismo na compreensão das relações sociais foi importante para construir uma narrativa humanizada, contando histórias de vidas a partir da escuta e da liberdade dada às entrevistadas para falarem sobre os temas abordados.

Nesse processo, foi considerado de suma importância que as vivências e experiências recontadas na narrativa não levassem a uma planificação das entrevistadas, ou seja, que não generalizasse as integrantes da comunidade como um grupo hegemônico, cuja existência seria resumida puramente à sua sexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo, assim como o livro-reportagem aqui abordado, foi originado da percepção de que narrativas pertencentes a mulheres lésbicas ainda são amplamente invisibilizadas, como o é o grupo em si. Tanto no jornalismo como na academia, apesar dos avanços dos estudos sobre gênero e sexualidade, o espaço destinado especificamente a mulheres lésbicas ainda é escasso, assim como se mostraram escassos os espaços físicos voltados para esse grupo enquanto público consumidor na cidade de Goiânia.

Em um trabalho que almejou contar e registrar histórias de mulheres lésbicas, era necessário conhecê-las para além de suas sexualidades, e simultaneamente entender a relação de cada uma delas com a própria lesbianidade. Esse mergulho não teria sido possível sem uma escuta atenta e sem amarras, que permitiu a cada participante seguir o próprio ritmo e as próprias regras, sem nenhum tipo de imposição.

No mesmo sentido, a transformação desses relatos em uma narrativa não teria sido possível sem as ferramentas e as premissas do jornalismo literário, que não apenas permitem, mas também incentivam, a construção de materiais atemporais, emotivos, emocionantes e verdadeiros.

Em um contexto onde a importância de amplificar vozes e perspectivas diversas se torna cada vez mais emergente, reconhecemos o papel do jornalista na construção de narrativas sociais, que carregam consigo o potencial de transformar a realidade por meio da palavra.

REFERÊNCIAS

AUAD, Daniela; LAHNI, Cláudia. Diversidade, direito à comunicação e alquimia das categorias sociais: da anorexia do slogan ao apetite da democracia. **Revista Eptic Online**, v.15, n.03, p.117-130, 2013.

BARBALHO, Alexandre. Cidadania, minorias e mídia: ou algumas questões postas ao liberalismo. In: **Comunicação e cultura das minorias**. BARBALHO, A.; PAIVA, R. (orgs). São Paulo: Paulus, 2005.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: BARROS, A.; DUARTE, J. (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2010, p. 51-61.

GOMIDE, Silvia. Formação da identidade lésbica: do silêncio ao queer. In: GROSSI, M. et al (orgs). **Conjugualidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

LAHNI, Cláudia. Feminismos e lesbianidades na comunicação para a cidadania. In: SILVA, Denise et al (org). **Comunicação para a cidadania: 30 anos em luta e construção**. São Paulo: Intercom e Gênio Editorial, 1ªed., 2021. p. 383-399.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Editora Manole, 2009, 470 p.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Editora Ática, 2008.

MENDES, F. M. M.; QUEIROZ, F. A. T. **Construção cena a cena: a narrativa jornalística como mosaico literofactual em Chico Mendes: crime e castigo, de Zuenir Ventura**. Bakhtiniana, São Paulo, 12 (2): 156-173, Maio/Ago. 2017.

PENA, Felipe. O jornalismo literário como gênero e conceito. **Revista Contracampo**. Dossiê: Comunicação e Documentários. n. 7. p. 43 – 58. Universidade Federal Fluminense, dez. 2007.

SIGNATES, Luiz; MORAES, Ângela. **A cidadania como comunicação: estudo sobre a especificidade comunicacional do conceito de cidadania**. Cidadania Comunicacional: teoria, epistemologia e pesquisa. 2019.

SILVA, Sabryna. Jornalismo humanizado e anticapacitista como instrumento de acolhimento à diversidades: relato e reflexões teórico-metodológicas sobre processo de entrevistas de livro-reportagem. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 46., 2023, Minas Gerais. **Anais eletrônicos**.

WOLFE, Tom. **Radical Chic e o Novo Jornalismo**. Tradução de José Rubens Siqueira. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.